IN MEMORIAM

Henrique Lecour, para sempre "O Professor". *In memoriam*

Henrique Lecour "The Professor", Forever In memoriam

/ J. F. Brandão da Costa[1]
/ A. C. M. Eugénio Sarmento[2]
/ A. A. B. Ricon Ferraz[3]

[1] Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Portugal

[2] Departamento de Medicina, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Serviço de Doenças Infeciosas, Centro Hospitalar Universitário São João. Portugal

[3] Centro de Bioética, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Portugal

Correspondência:
Joana Filipa Brandão da Costa
Centro de Bioética – Faculdade de Medicina da Universidade do Porto
Rua Dr. Plácido da Costa
4200-450 Porto – Portugal
Email: up200405622@med.up.pt
Tel.: 915305727

Patrocínios:
O presente estudo não foi patrocinado por qualquer entidade.

Artigo recebido em
14/03/2024

Artigo aceite para publicação em
18/03/2024

/ Resumo

Introdução: Henrique Lecour (1930-2019) foi Professor Catedrático e Especialista pela Ordem dos Médicos de Medicina Interna, de Doenças Infeciosas e de Medicina do Trabalho.

Objetivos: O Professor Henrique Lecour construiu uma carreira ímpar e faz hoje parte da História da Medicina Portuguesa. Deixou nela uma marca indelével, merecendo, portanto, ser lembrado e homenageado.

Métodos: Para elaborar o presente trabalho, foram analisados documentos sobre a carreira académica e clínica do Professor Lecour. Entrevistas foram conduzidas com o Professor António Sarmento, a Doutora Helena Ramos e o Doutor Correia Pinto. Foi dada ainda a oportunidade à autora de participar numa das tertúlias no restaurante "O Buraco", nas quais o Professor era presença assídua.

Resultados: Licenciado em Medicina pela Faculdade de Medicina do Porto (FMUP), Henrique Lecour palmilhou todo o seu percurso pós-universitário ligado ao Hospital de São João, onde atingiu o cume das carreiras académica e hospitalar, fortemente influenciado por nomes como os dos Professores Carlos Ramalhão, Cerqueira Magro, Tomé Ribeiro, entre os principais.

Conclusões: Afortunados aqueles que privaram com o Professor Henrique Lecour, como Professor Universitário, Médico e Humanista. Faltam palavras para descrever a dimensão da sua obra e o seu legado na Medicina, particularmente na Infeciologia, em Portugal.

Palavras-chave: Henrique Lecour, Infeciologia, História da Medicina

/ Abstract

Introduction: *Henrique Lecour (1930-2019) was a University Professor and Specialist by the Portuguese Medical Association of Internal Medicine, Infectious Diseases and Occupational Medicine.*

Purpose: *Professor Henrique Lecour built a unique career and he is today part of the History of Portuguese Medicine. He left an indelible mark on it, deserving, therefore, to be remembered and honored.*

Methods: *To prepare the present work, documents on Professor Lecour's academic and clinical career were analyzed. Interviews were conducted with Professor António Sarmento, Dr. Helena Ramos and Dr. Correia Pinto. The author was also given the opportunity to participate in one of the gatherings at the restaurant "O Buraco", in which the Professor was a regular presence.*

Results: *With a degree in Medicine from the Faculty of Medicine of Porto (FMUP), Henrique Lecour spent his entire post-university career at the Hospital de São João, where he reached the pinnacle of his academic and hospital careers, strongly influenced by names such as Professors Carlos Ramalhão, Cerqueira Magro, Tomé Ribeiro, among the main.*

Conclusions: *Fortunate are those who worked with Professor Henrique Lecour, as a University Professor, Physician and Humanist. Words fail to describe the dimension of his work and his legacy in Medicine, and particularly in Infectious Diseases, in Portugal.*

Keywords: *Henrique Lecour, Infectiology, History of Medicine*

/ Introdução

O Professor Henrique Lecour foi um estudioso durante toda a sua vida, como o comprova o seu *Curriculum vitae*. Era reconhecido pelos seus pares e pelos seus alunos pelo mérito científico, o entusiasmo e a dedicação plena às suas múltiplas atividades, a sensibilidade e empatia consagrada aos pacientes, a disponibilidade e o exemplo para os discentes, e a retidão do seu carácter. Tornou-se numa referência da classe médica portuguesa, particularmente no domínio da Infeciologia. Percorreu todos os patamares académicos até atingir a Cátedra da Clínica das Doenças Infeciosas; paralelamente, ascendeu ao topo da carreira hospitalar e assumiu a Direção do Serviço de Doenças Infeciosas.

O legado do Professor Henrique Lecour é o nosso presente e espelha-se no futuro. Teve um papel fundamental no progresso da Infeciologia em Portugal e foi o grande artífice da organização e desenvolvimento do Serviço de Doenças Infeciosas do Hospital de São João. Deixou uma marca inolvidável na Medicina Portuguesa e merece ser lembrado pelo seu testemunho, pelo seu valor e para estímulo das sucessivas gerações.

/ Materiais e métodos

Para a elaboração do presente trabalho, a pesquisa bibliográfica foi efetuada na Biblioteca da FMUP, nos Arquivos da Biblioteca da FMUP e da Reitoria da Universidade do Porto, no Serviço de Aquivo do Centro Hospitalar São João e no *site* da Biblioteca Nacional de Portugal. O Serviço de Arquivo da Reitoria da Universidade do Porto, gentilmente, cedeu à autora documentos digitalizados do Processo Individual do Professor Henrique Lecour, alguns dos quais dispostos em anexo.

O livro de homenagem ao Professor Henrique Lecour, publicado aquando do VI Congresso Nacional de Doenças Infeciosas em 2002 e editado pelos Doutores António Meliço-Silvestre e Rui Sarmento e Castro, com valiosos testemunhos de amigos e colegas, foi também de suma importância. Mais ainda, a pesquisa abrangeu os *Curricula vitae* de 1983 e de 1989, a Tese de Doutoramento e a respetiva Prova Complementar do Professor Henrique Lecour, relatórios curriculares e artigos publicados da autoria do próprio e os Anuários da Universidade do Porto, anos escolares de 1948-1949 e 1954-1955.

Efetuou-se ainda contacto via email com a Sociedade Portuguesa de Doenças Infeciosas e Microbiologia Clínica e com a Associação Portuguesa de Estudos para a SIDA, que prontamente cederam informações sobre o percurso do Professor Henrique Lecour, bem como algumas fotografias.

De inestimável valor foi a colaboração do Professor António Sarmento, da Doutora Helena Ramos e do Doutor Correia Pinto, que aceitaram prestar entrevistas presenciais. Este contributo permitiu à autora complementar as informações recolhidas e colmatar eventuais lacunas.

A convite do Doutor Correia Pinto, a autora teve ainda a possibilidade de participar numa das tertúlias do restaurante "O Buraco", partilhando histórias e revivendo memórias com amigos que privaram com o Professor.

/ Resultados

Os primeiros anos

Filho de Henrique Júlio Lecour de Meneses e de Celeste Gaspar Ferreira Gonçalves, nasce, a 1 de dezembro de 1930, Henrique José Ferreira Gonçalves Lecour de Meneses, na freguesia da Sé, cidade do Porto. Anos mais tarde, frequenta o Liceu Alexandre Herculano, terminando os estudos em julho de 1948 com a classificação final de 15 valores, tendo sido dispensado do exame de acesso à Universidade.[1] Assim, ainda em 1948, matricula-se na FMUP.[2] À data, era Reitor da Universidade do Porto o Professor Amândio Joaquim Tavares, Professor Catedrático da FMUP, e Diretor da Faculdade de Medicina, o Professor António de Almeida Garrett.[2,3] Faziam parte do corpo docente da Faculdade de Medicina nomes como os dos Professores Joaquim Alberto Pires de Lima, Hernâni Bastos Monteiro, José Afonso Dias Guimarães, Amândio Joaquim Tavares e Alfredo Rocha Pereira, entre outros.[2]

No primeiro ano da Licenciatura, Henrique Lecour frequentou as disciplinas de Zoologia Médica, Botânica Médica, Química Médica, Física Médica, Histologia e Embriologia e História da Medicina; no segundo ano, Anatomia Descritiva, Fisiologia, Química Fisiológica e Bacteriologia e Parasitologia; no terceiro ano, Anatomia Topográfica e Anatomia Descritiva, Higiene e Epidemiologia, Farmacologia e Terapêutica Geral e Patologia Geral; no quarto ano, Propedêutica Médica e Semiótica, Propedêutica Cirúrgica, Medicina Operatória e Anatomia Patológica; no quinto ano, Patologia Médica, Terapêutica Médica, Dermatologia, Neurologia, Patologia Cirúrgica, Oftalmologia, Clínica Obstétrica e Ginecologia; e, no sexto ano, frequentou as disciplinas de Clínica Médica, Clínica de Doenças Infeciosas, Clínica Cirúrgica, Urologia, Otorrinolaringologia, Clínica Pediátrica, Medicina Legal, Toxicologia Forense e Deontologia Profissional e Psiquiatria.[4] Em 22 de outubro de 1955, após seis anos de escolaridade e um de prática clínica, conclui a Licenciatura, com a classificação final de 17 valores. A sua dissertação final teve como tema "Doenças do colagénio". Este foi o culminar de um percurso brilhante como estudante universitário.[1,4]

Em paralelo, consegue ainda construir uma base familiar sólida. Casado com Maria Rita Leão de Sá e Seabra, têm juntos dois filhos: Maria Gabriela Seabra Gonçalves Lecour, nascida a 14 de outubro de 1972, e João Henrique Seabra Gonçalves Lecour, nascido a 18 de agosto de 1977.

A carreira

O Professor Henrique Lecour nunca abdicou da prática clínica em prol da docência, as suas duas grandes paixões, mas também nunca deixou de ensinar para ser Médico. Em paralelo, e fazendo jus à sua sagacidade e vontade de saber, manteve a investigação como parte importante da sua vida, de tal forma que seria impossível versar sobre a sua carreira dissociando as três vertentes.

Já licenciado, em abril de 1956, inicia o Internato Geral no Hospital de Santo António, o qual termina em março de 1958 com a classificação final de "Bom".[5]

Talento e dedicação foram duas virtudes particulares do Professor Henrique Lecour. Graças a elas, foi convidado a iniciar a sua atividade de docente em novembro de 1957, apenas dois anos após terminar o curso, na disciplina de Doenças Infeciosas, como Segundo Assistente do 6.º Grupo – Medicina Interna, cargo que desempenhou até 1964. Sob a orientação do Professor Carlos Ramalhão e do Professor Emídio Ribeiro, lecionou aulas teóricas e práticas de Clínica das Doenças Infeciosas, bem como de Clínica Médica, aqui já sob orientação do Professor Ferraz Júnior. Em Clínica de Doenças Infeciosas, foi incumbido das aulas práticas diárias e das aulas teóricas sobre Meningites bacterianas agudas, Meningite tuberculosa, Tétano, Kala-azar e Imunização. Em Clínica Médica, assumiu aulas práticas e ministrou aulas teóricas sobre os temas relativos à Insuficiência da suprarrenal e Insuficiência hipofisária. Paralelamente às funções docentes, exerceu atividade hospitalar no serviço de Clínica Médica, na enfermaria, consulta externa e urgência.[1]

Após o término do seu contrato, em 1964, manteve atividade apenas como Assistente Voluntário na Clínica de Doenças Infeciosas, regida pelo Professor Fonseca e Castro. Este Professor, impulsionado pelas capacidades de liderança e organizacionais do Assistente, incumbe-o do desenvolvimento e organização do Serviço de Doenças Infeciosas do Hospital de São João, que viria a ser inaugurado em outubro de 1964. Demonstra, já então, muito além das aptidões clínicas e académicas, qualidades de chefia e organização.[5] Após a abertura do Serviço de Doenças Infeciosas do Hospital de São João, a sua atividade hospitalar passou a ser exercida exclusivamente neste Serviço.[1]

De abril de 1965 a dezembro de 1977, passa a desempenhar funções de Auxiliar de Clínica da Clínica das Doenças Infeciosas.[1] Em junho de 1973, faz o exame final do Internato Complementar de Infetocontagiosas, com a classificação de "Muito Bom" e, em agosto de 1976, é aprovado em primeiro lugar no concurso curricular para Especialista de Infetocontagiosas do Hospital de

São João, com a classificação de "Muito bom com distinção".[1] Em 1976, conclui o curso de Medicina do Trabalho na Escola Nacional de Saúde Pública.[1] A Especialidade de Medicina do Trabalho viria a ser criada a 13 de Janeiro de 1979, por resolução do Conselho Nacional Executivo da Ordem dos Médicos e, nessa altura, após avaliação curricular, o Professor Lecour foi aprovado, juntando mais um título de Especialista ao seu currículo.[6]

A sua atividade no Serviço de Doenças Infeciosas foi interrompida entre julho de 1967 e julho de 1969, período durante o qual prestou serviço militar em Moçambique. Nessa altura, foi internista no Hospital Militar de Nampula, tendo trabalhado nos serviços de Clínica Médica e de Doenças Infetocontagiosas, onde adquiriu valiosa experiência em patologia tropical. Foi também responsável interino do Serviço de Cardiologia. O serviço militar logrou-lhe dois louvores militares: um, pelo Diretor do Hospital Militar de Nampula; o outro, pelo Comandante da Região Militar de Moçambique.[1,5]

De janeiro de 1978 a outubro de 1981, foi Monitor da disciplina de Clínica das Doenças Infeciosas, acumulando a função com a de médico especialista do Hospital de São João.[1] Ainda em 1978, assume a direção interina do Serviço de Doenças Infeciosas, aquando da passagem do Professor Cerqueira Magro para a Clínica Médica; simultaneamente, é aprovado em concurso de provas públicas para Chefe de Clínica de Doenças Infeciosas, com a classificação de 20 valores.[1]

Em outubro de 1981, por proposta do Professor Tomé Ribeiro, então regente da disciplina, torna-se Professor Auxiliar convidado de Clínica das Doenças Infeciosas.[1,7] Foi uma situação inédita convidar para Professor Auxiliar um candidato que ainda estava a preparar a tese de doutoramento; no entanto, o trabalho realizado e as provas prestadas mais tarde vieram validar o seu mérito.[5]

É fácil perceber o quanto o Professor era apreciado pelos seus pares, muitos deles também seus amigos próximos. Nestes, enquadrava-se o Professor Cerqueira Magro que, na altura Diretor do Serviço de Doenças Infeciosas do Hospital de São João, teve oportunidade de redigir um parecer sobre a proposta de contratação de Henrique Lecour para Professor Auxiliar Convidado, no qual conseguiu transmitir a quem o lesse a grandeza do Médico e do Docente Henrique Lecour, exaltando todos os seus feitos e colocando-o como principal artífice e impulsionador do Serviço de Doenças Infeciosas do Hospital de São João.[8] Este reconhecimento estendia-se também aos colegas médicos de outras instituições. Na mesma altura, o Professor Fernando Abreu de Carvalho Araújo, Diretor do Serviço de Doenças Infetocontagiosas do Hospital de Santa Maria, depois de enaltecer o mérito científico e todas as qualidades do Professor disse: "Tenho imensa pena que o Dr. Henrique Lecour não seja meu colaborador e assistente. É que a Faculdade de Medicina de Lisboa e a Clínica de Doenças Infetocontagiosas ficariam mais ricas!"[9]

Em 1982, por deliberação do Conselho Nacional Executivo da Ordem dos Médicos, o Professor foi admitido, por consenso, na Especialidade de Medicina Interna.[10]

Em 1983, Henrique Lecour é aprovado por unanimidade, com distinção e louvor, nas provas de Doutoramento em Medicina cujo tema foi "Hepatite vírica: epidemiologia e diagnóstico". O tema da Prova Complementar foi "Botulismo".[5]

Nesse mesmo ano, por proposta da Comissão Coordenadora do Conselho Científico, é nomeado regente da cadeira de Clínica das Doenças Infeciosas. Enquanto tal, introduz modificações no programa da disciplina, com vista a dotá-la de um caráter marcadamente mais clínico e com o objetivo de fornecer aos alunos a informação necessária no nível pré-graduado, bem como contribuir para o desenvolvimento da sua capacidade formativa.[1,5]

Dois anos mais tarde, em 1985 assume, em definitivo, a Direção do Serviço de Doenças Infeciosas do Hospital de São João. Passa então a acumular funções de docente, como Regente da disciplina de Clínica das Doenças Infeciosas, e de Diretor do Serviço Hospitalar, ficando assim demonstrado o reconhecimento das suas capacidades de chefia e liderança.[1]

Em 1987, é aprovado em primeiro lugar no concurso para Professor Associado de Medicina e, em 1990, faz as provas de Agregação, com uma lição sobre "Meningite bacteriana aguda: Perspetiva atual".[5] Por ter estado ligado ao ensino da Clínica das Doenças Infeciosas desde 1957, tendo assumido a sua regência em 1983, pareceria lógico que o Professor Lecour escolhesse esta disciplina como objeto do Relatório Pedagógico requerido para as provas o que, de facto, vem a acontecer. O Professor demonstra então que, não obstante as crescentes inovações da época, por exemplo, em termos de antibioterapia, de imunoprofilaxia ou de técnicas de diagnóstico, as doenças infeciosas não perderam a sua importância e interesse de estudo. Justifica a preferência pelo tema com a análise que faz sobre a elevada mortalidade das doenças infeciosas e o aparecimento de novos agentes patogénicos, infeções por estirpes multirresistentes e, particularmente, das infeções nosocomiais, que merecem atenção crescente.[11] Do Relatório Pedagógico constam ainda o programa, os conteúdos e os métodos de ensino e avaliação da Clínica das Doenças Infeciosas no ensino pré-graduado, bem como um capítulo relativo ao ensino pós-graduado, onde pretende demonstrar a importância e a necessidade do ensino das Doenças Infeciosas a este nível, não só visando a especialização, mas também o aperfeiçoamento e atualização contínuos de todos os médicos, que assim o desejem.[11] O relatório obtém a aprovação de 95% dos elementos do júri.[1]

Em 1991 Henrique Lecour ascende ao topo da carreira académica, tornando-se Professor Catedrático do 6.º Grupo – Medicina Interna, da FMUP, após concurso em que é aprovado por unanimidade[12]; é nomeado definitivamente em 1993, com parecer emitido pelos Doutores Alberto Falcão de Freitas e Tomé Ribeiro.[5,13]

A importância e o reconhecimento do Professor Henrique Lecour eram inegáveis, de tal forma que era muitíssimo considerado pelos velhos mestres e grandes vultos da altura, tais como os Professores Álvaro Rodrigues, Joaquim Bastos, Emídio Ribeiro, Rocha Pereira e tantos outros. Todos tinham uma grande estima por ele.

A 1 de dezembro de 2000, é chegada a hora da aposentação, por limite de idade. Anos antes, aquando da jubilação de um dos seus mestres, o Professor Cerqueira Magro, o Professor Lecour afirmou: "A jubilação académica de um Professor, no cumprimento do preceito legal, encerra apenas um capítulo da sua vida. Felizmente para todos nós, a sua presença continua noutras atividades, sendo um privilégio de que continuamos a desfrutar".[5, p. 60] O mesmo aconteceu com o Professor Lecour, que não parou por imposições de calendário ou de idade, apenas por imperativo legal, continuando a participar ativamente em diversos projetos de investigação, com numerosos trabalhos publicados, participação em conferências e palestras; continuou também a trabalhar afincadamente na promoção da Saúde Pública, domínio intrinsecamente ligado à Infeciologia.[5] Manteve-se ainda ligado à Universidade Católica do Porto como Diretor-Adjunto do Instituto de Ciências da Saúde entre 2006 e 2011, o que lhe permitiu manter-se no ativo, ainda que não ligado à sua casa de sempre.[14] Pessoas como o Professor Henrique Lecour não deviam retirar-se, obrigando-nos a prescindir de alguém com a sua importância, ainda no auge das suas faculdades e com tanto para transmitir às gerações vindouras.

Em 2002, foi-lhe concedida a medalha de ouro de serviços distintos do Ministério da Saúde que se destina a galardoar as pessoas que hajam praticado atos de abnegação, caridade, altruísmo ou beneficência ou tenham prestado serviços relevantes à Saúde Pública ou à Assistência Social. Mais um reconhecimento, entre tantos.[15]

A Infeciologia, a sua Especialidade de eleição

As doenças infeciosas acompanham a história da humanidade desde o início dos tempos e semearam o terror, mudaram o curso da história dos povos e deixaram marcas indeléveis em todas as sociedades. A história dos homens não poderia ser contada esquecendo os seus nomes. Henrique Lecour era por elas apaixonado. Compreendia o Professor, contudo, que a diferenciação do conhecimento médico devia estar integrada num todo, cuja base fundamental era a Medicina Interna. Daí partiriam todos os ramos ou, dizendo de outra forma, as restantes especialidades médicas.

Assim, a Clínica Médica esteve sempre presente na vida de Henrique Lecour. Contudo, a Infeciologia era da sua preferência. Soube o Professor aliar o melhor dos dois mundos à cabeceira dos seus doentes. Como teve oportunidade de referir o Professor Cerqueira Magro, seu mestre e amigo, no parecer que emitiu aquando das suas provas de Agregação, "não houve capítulo grande da Infeciologia que não tivesse sido sondado e comentado pelo Professor Lecour".[16] Na opinião do seu discípulo e amigo Professor António Sarmento, Henrique Lecour "foi a pessoa mais marcante, mais conhecida, mais respeitada e mais consultada da Infeciologia, a nível nacional". (Fig. 1)



Fig. 1 – Professor Henrique Lecour, proferindo a Conferência "As doenças infeciosas na viragem do Milénio" no Dia da FMUP, 1999. Fonte: Universidade do Porto. Faculdade de Medicina – Dia da FMUP: Tradição e Futuro: 1996-2015. Porto. FMUP, 2017 – coordenação da Professora Amélia Ricon Ferraz.

A 20 de maio de 1978, por iniciativa do Professor Carrington da Costa, é criada, em Coimbra, a Sociedade Portuguesa de Doenças Infeciosas. Na génese e fundação desta Sociedade o Professor Lecour teve também um papel ativo.[17] Assumiu a presidência da Direção entre 1991 e 1993, tendo ocupado, posteriormente, os cargos de Presidente da Assembleia Geral, Presidente do Conselho Fiscal e Vice-Presidente da Direção. Tempos mais tarde, defendendo o princípio da colaboração próxima de duas especialidades que, acreditava, se complementavam, o Professor foi um dos mais acérrimos entusiastas e incentivadores da fusão da Infeciologia e da Microbiologia Clínica. Em 2004, surge, assim, a Sociedade Portuguesa de Doenças Infeciosas e de Microbiologia Clínica. Após um período de hegemonia dos Infeciologistas na presidência, durante a vice-presidência do Professor, a Doutora Helena Ramos tornou-se a primeira microbiologista presidente da Sociedade. Saudosamente, a Doutora Helena Ramos recorda, dos seus primeiros anos de faculdade, a "atitude severa mas ponderada" de Henrique Lecour como seu professor das aulas práticas de Doenças Infeciosas; lembra ainda, já mais tarde, das viagens para Lisboa, quando ambos faziam parte de um júri de atribuição de bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi uma amizade singular aquela que se formou entre ambos, genuína e sem interesses.

Ao longo do seu vasto e rico percurso, o Professor Lecour teve ainda um papel de grande intervenção na luta pelo reconhecimento e pelo prestígio da Infeciologia em Portugal. Percebeu a importância da especialidade, que defendeu convicta e intransigentemente, e teve um papel absolutamente decisivo no seu reconhecimento como especialidade autónoma, em 1987, bem como na elaboração do currículo da especialidade e no regulamento do funcionamento do Colégio.[5]

A Direção do Serviço de Doenças Infeciosas do Hospital de São João

Em 1985, o Professor Lecour assume, em definitivo, a Direção do Serviço de Doenças Infeciosas. O cuidado e o bem-estar dos doentes foram, desde sempre, a sua preocupação primordial, de tal forma que, como descreveu o Professor António Sarmento, "tinha por hábito utilizar as instalações sanitárias dos doentes e não as reservadas ao pessoal" e de "provar a comida que ia ser servida aos doentes".[5, p. 17] O mesmo atestou o seu amigo de mais de 50 anos, o Professor Daniel Serrão, quando afirmou: "O interesse, lendário, de Henrique Lecour pelos seus doentes leva-o a ir ao fim do mundo para resolver os seus problemas, não descansando enquanto não o consegue".[5, p. 155] É uma prova cabal da grandeza do Professor Lecour como Médico, mas sobretudo como Humanista.

O Professor foi estimado também por todos os que com ele privaram no Serviço, tanto que "falar no Professor Henrique Lecour a muitas das auxiliares ou das enfermeiras mais antigas que, desde os primeiros tempos, com ele trabalharam, provoca, por vezes, manifestações de uma emoção incontida". [5, p. 17]

Nos primeiros anos, o Serviço tinha o nome Infetologia e Doenças Contagiosas, mas o Professor Lecour defendeu sempre que este devia passar a chamar-se Serviço de Doenças Infeciosas, dada a conotação negativa e de estigmatização dos doentes que advinha da primeira designação.[5]

Paralelamente às preocupações de humanização do Serviço, o Professor pretendia que este primasse pela organização, pela qualidade da medicina praticada e pelo bom relacionamento entre os seus pares. Foi da sua responsabilidade a remodelação de todo o Serviço, inaugurado a 30 de novembro de 2000, o seu último dia como Diretor do Serviço e um dia antes da sua jubilação.

Este Serviço de Doenças Infeciosas, idealizado e organizado por si, é inaugurado em 1964 e, desde essa altura, muitas mais conquistas se sucederão graças à perseverança e esforço notáveis do Professor Lecour: em 1980, é criada a Consulta Externa e, em 1988, o Hospital de Dia, o primeiro do país, para os doentes imunodeprimidos. Ainda neste ano, é criada a Unidade de Cuidados Intensivos de Doenças Infeciosas, destinada fundamentalmente a doentes com patologias infeciosas que necessitem de vigilância e tratamento intensivo; já em 1994, são inauguradas as novas instalações do Hospital de Dia.[5,18]

O Professor nunca se acomodou e procurou sempre modernizar o Serviço, não só em termos de instalações e equipamentos, como sobretudo na qualidade assistencial. Assim, a 30 de novembro de 2000, deixa as suas funções de Diretor do Serviço de Doenças Infeciosas com um Serviço completamente renovado, do qual fazem parte nove quartos de isolamento com pressão negativa e uma Unidade de Cuidados Intensivos com seis camas, completamente autónoma.[5] Um dos seus discípulos, o Professor António Augusto Alves Mota Miranda, virá a ser o seu sucessor.

O percurso na "sua" Faculdade de Medicina

Apesar de o seu percurso estudantil ter passado pelo Hospital de Santo António, a casa do Professor Lecour foi o Hospital de São João e durante toda a sua carreira como Clínico, como Investigador e como Docente, manteve-se sempre fiel à Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Nesta instituição, cresceu como Médico, como Investigador, como Docente e, no fundo, como Pessoa. (Fig. 2, Fig. 3 e Fig. 4) Para além do já mencionado, integrou diferentes Órgãos de Gestão da Faculdade: foi Vice-Presidente do Conselho Científico em três mandatos consecutivos, de 1994 a 1999; membro da Comissão Coordenadora do Conselho Científico, de 1988 a 1990; membro do Conselho Pedagógico, de 1984 a 1985; e membro da Assembleia de Representantes, de 1979 a 1997, assumindo a vice-presidência no biénio 1984 a 1985.[1,5] Como em tudo a que se propunha, também nestes cargos, o Professor primava pelo rigor e seriedade, pela dedicação e esforço absolutos.

Henrique Lecour – o Docente

Sobre o Professor Henrique Lecour, o Professor Cerqueira Magro, um dos arguentes da apreciação do currículo e do relatório pedagógico nas suas provas de Agregação, sempre pouco parco em elogios à figura daquele, teve oportunidade de referir, nessa altura, que "sabe ensinar, sabe interessar, sabe transmitir, sabe educar e orientar alunos e colaboradores"; e ainda: "no campo da docência é brindado, habitualmente, com uma excelente audiência às suas aulas, mesmo quando porventura se esquece dos limites de tempo!"[16]

A glória maior de quem alcançou a Cátedra da Clínica das Doenças Infeciosas seria, porventura, o reconhecimento por parte daqueles a quem ensinava e esse, o Professor Henrique Lecour teve. De um rigor e exigência enormes na preparação das suas aulas, tinha um verdadeiro fascínio pelo ensino. Nas palavras do Professor António Sarmento, "foi o melhor e o mais completo professor de Doenças Infeciosas em Portugal, quer na sua era, quer na anterior, sem dúvida ou discussão algumas. Nenhum outro se lhe compara". Esta vontade de ensinar estendia-se também aos seus doutorandos. Ao longo do árido tempo que duravam os trabalhos de pesquisa, a persistência e o estímulo do Professor Lecour eram fundamentais para que os trabalhos avançassem. Mais do que a inestimável ajuda científica, este incentivo era incomensurável. Ainda segundo o Professor Sarmento, o Professor Lecour contactava os



Fig. 2 – Dia da FMUP, 1999. Da esquerda para a direita: os Doutores J. Pinto Machado, **Henrique Lecour**, Alberto Amaral, Alfredo Jorge Silva (Secretário de Estado do Ensino Superior), Marçal Grilo (Ministro da Educação), J. Novais Barbosa (Reitor da UP), Maria de Belém Roseira (Ministra da Saúde).
Fonte: Universidade do Porto. Faculdade de Medicina – Dia da FMUP: Tradição e Futuro: 1996-2015. Porto. FMUP, 2017 – coordenação da Professora Amélia Ricon Ferraz.



Fig. 3 – Dia da FMUP, 1999. Da esquerda para a direita: Rui Capucho (Presidente da Associação de Estudantes da FMUP), Doutores **Henrique Lecour**, Alfredo Jorge Silva (Secretário de Estado do Ensino Superior), Marçal Grilo (Ministro da Educação), J. Novais Barbosa (Reitor da UP), Maria de Belém Roseira (Ministra da Saúde) e Flemming Torrinha (Diretor do Hospital de São João).
Fonte: Universidade do Porto. Faculdade de Medicina – Dia da FMUP: Tradição e Futuro: 1996-2015. Porto. FMUP, 2017 – coordenação da Professora Amélia Ricon Ferraz.



Fig. 4 – Dia da FMUP, 2002. Da esquerda para a direita: na fila superior, os Professores António Tomé Ribeiro e **Henrique Lecour**; na fila inferior, os Professores Aureliano da Fonseca, Abel Tavares e J. Pinto Machado.
Fonte: Universidade do Porto. Faculdade de Medicina – Dia da FMUP: Tradição e Futuro: 1996-2015. Porto. FMUP, 2017 – coordenação da Professora Amélia Ricon Ferraz.

doutorandos duas ou três vezes por semana, perguntando como decorria a tese; e aquando da sua correção, era de uma minúcia quase exagerada, lendo os trabalhos inúmeras vezes, se necessário fosse. Este foi um dos testemunhos que o Professor Lecour transmitiu aos seus discentes: o incentivo para serem melhores e a vontade de superarem o mestre. Paralelamente, soube sempre reconhecer mérito a quem de direito.

Foi, ao longo das diversas gerações de estudantes que por ele passaram, um professor respeitado não só pelo conhecimento científico, mas também pela disponibilidade que sempre demonstrou. Minucioso, com espírito crítico apurado mas sempre construtivo, dotado de uma sensibilidade impressionante, o Professor era respeitado por todos os alunos. Diz-se que o estágio em Doenças Infeciosas era considerado indispensável aos currículos dos internos de Medicina Interna e que o do Serviço de Doenças Infeciosas do Hospital de São João, sob orientação do Professor Lecour, era dos mais procurados.

Atento e interventivo também no domínio do ensino pós-graduado, e não só no âmbito das Doenças Infeciosas, o Professor Lecour teve um papel fundamental, por exemplo, no desenvolvimento do Mestrado em Saúde Pública da Universidade do Porto. Este projeto resultou da colaboração estreita entre as duas Escolas Médicas da Universidade do Porto. Defendia o Professor que a competição saudável entre ambas, indispensável para o progresso e desenvolvimento, favorecia o alcançar de objetivos vantajosos para todos. Assim, em 1995, foi inaugurado o primeiro Mestrado de Saúde Pública da Universidade do Porto. O Professor assumiu funções de Coordenador desde o seu início até à sua jubilação, continuando, posteriormente, a integrar a Comissão Coordenadora.[5]

Outra faceta do Professor prende-se com a dedicação à Medicina do Trabalho, exercida durante largos anos nos Transportes Coletivos do Porto. Nunca descurou também a sua colaboração regular nos programas de pós-graduação em Medicina do Trabalho da FMUP.[5]

Henrique Lecour – O Investigador

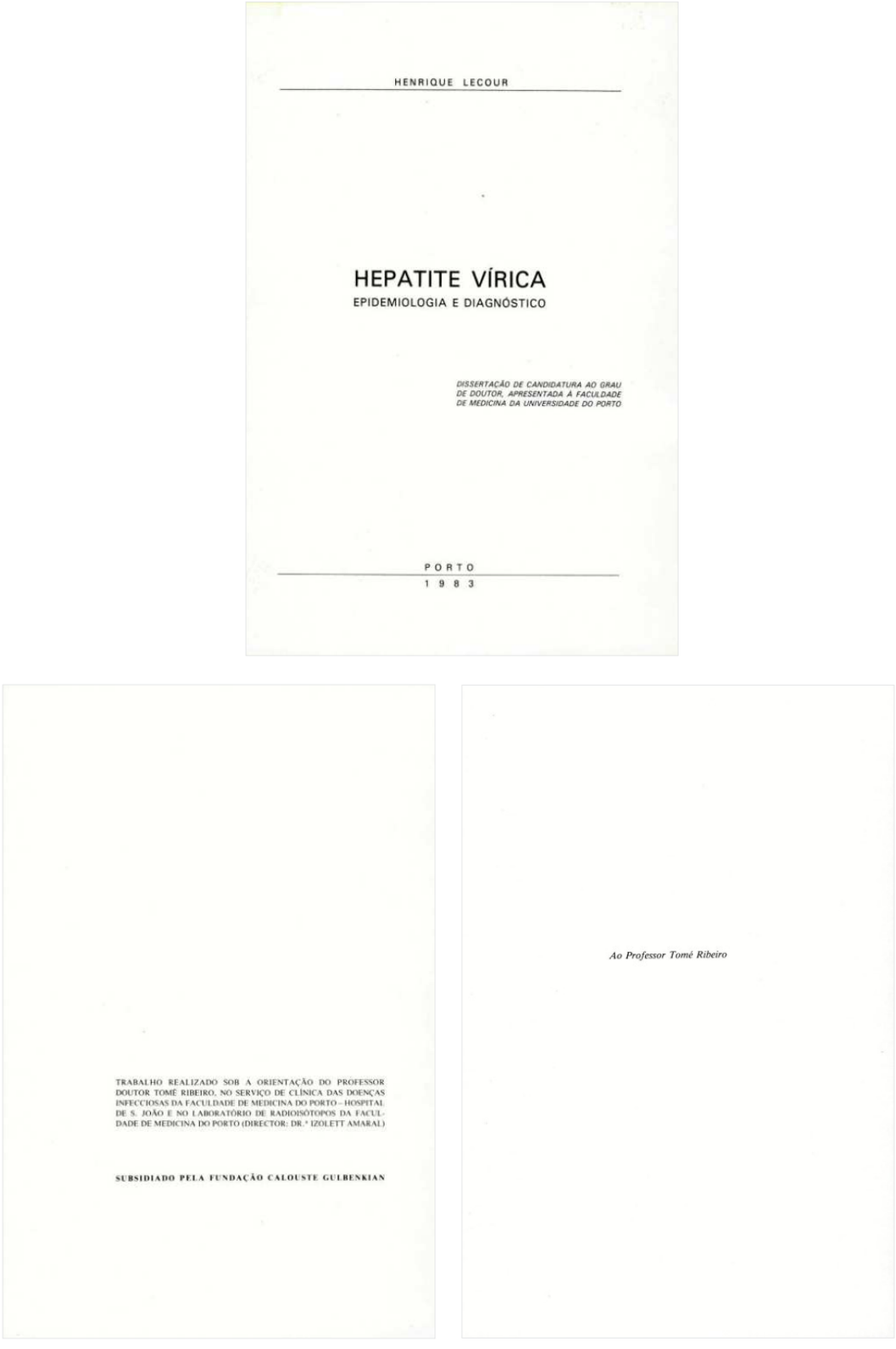
A investigação ocupou uma parte fundamental da sua vida. O Professor Lecour não foi o que se considera um investigador de raiz. Fazia investigação porque gostava de aprender, porque queria ser melhor em tudo o que se propunha fazer e, como refere o Professor Sarmento, "não se pode ser um bom clínico sem se ser um bom investigador". E o Professor Lecour era-o, particularmente nos domínios da casuística e da epidemiologia. Os seus trabalhos, muitos deles análises exaustivas de casuísticas (a título de exemplo o seu trabalho sobre Botulismo), tinham sobretudo um pendor clínico e eram, por isso, muito importantes na prática do dia a dia dos seus pares.

Há uma unanimidade indiscutível na ideia de que falar de Hepatite vírica é associar imediatamente a este tipo de infeção o nome do Professor Henrique Lecour. Não será, pois, falacioso afirmar que o seu trabalho de investigação mais marcante tenha sido o desenvolvido sobre a epidemiologia e diagnóstico da Hepatite vírica. Este trabalho foi iniciado em 1979 e culminou com a apresentação da sua Tese de Doutoramento, em 1983, realizada sob a orientação do Professor Tomé Ribeiro, a quem aliás a dedica, no Serviço de Clínica das Doenças Infeciosas da FMUP – Hospital de São João e no Laboratório de Radioisótopos da FMUP, dirigido pela Dra. Izolett Amaral.[19] (Fig. 5) Nele, foram abordados dois aspetos fundamentais: a epidemiologia, permitindo conhecer o panorama da incidência da hepatite vírica em Portugal, quer na população normal, quer em grupos de risco, quer ainda em meio hospitalar; e a análise de 300 casos hospitalizados de hepatite aguda vírica, possibilitando a formulação de protocolos de estudo serológico, necessários para o diagnóstico etiológico.[1] Este trabalho constitui um marco fundamental na Infeciologia, particularmente no que concerne ao estudo das Hepatites. Pela primeira vez em Portugal, estudou-se a prevalência da Hepatite vírica na população portuguesa e em alguns grupos de alto risco como toxicómanos, doentes mentais internados, hemodialisados crónicos e pessoal das unidades de hemodiálise, bem como a prevalência hospitalar das diversas etiologias da Hepatite aguda vírica, estabelecendo-se também critérios de diagnóstico serológico. Com o auxílio do Laboratório de Radioisótopos da FMUP, foram desenvolvidas as técnicas laboratoriais para determinar os marcadores séricos da Hepatite vírica, o que tornou possível o diagnóstico etiológico na prática clínica. Na sequência da investigação realizada, foram também encarados outros aspetos da Doença Hepática vírica como: a imunidade humoral e celular; a hepatite não A e não B, descrita pela primeira vez em Portugal; a evolução da Hepatite aguda vírica para a cronicidade e a sua relação com a doença hepática alcoólica e com a endarterite obliterante do jovem.[19]

Pelo grande impacto e relevância das descobertas, o Professor Lecour manteve como objetivo continuar os trabalhos de investigação neste domínio, ultrapassando, desse modo, o âmbito da dissertação de doutoramento. Os resultados desta investigação foram tão relevantes que foram depois apresentados em inúmeros congressos nacionais e internacionais, sendo mesmo objeto de publicação no Boletim da Organização Mundial da Saúde.[5]

O reconhecimento do trabalho do Professor Lecour na área da Hepatite levou a que, em 1993, por despacho do ministro da Saúde, integrasse um grupo de trabalho com o objetivo principal de reavaliar a situação da prevenção e luta contra a Hepatite B em Portugal, propondo medidas que levassem à redução da prevalência de portadores crónicos do vírus da Hepatite B e, a mais longo prazo, à sua erradicação.

A valorização da sua formação científica e clínica explica o convite permanente para participar e dinamizar atividades de investigação ou intervenção em cooperação com a Organização Mundial da Saúde, Comunidade Europeia e outros organismos internacionais.[20]



HENRIQUE LECOUR

HEPATITE VÍRICA

EPIDEMIOLOGIA E DIAGNÓSTICO

DISSERTAÇÃO DE CANDIDATURA AO GRAU DE DOUTOR, APRESENTADA À FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

PORTO
1983

TRABALHO REALIZADO SOB A ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR DOUTOR TOMÉ RIBEIRO, NO SERVIÇO DE CLÍNICA DAS DOENÇAS INFECCIOSAS DA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO – HOSPITAL DE S. JOÃO E NO LABORATÓRIO DE RADIOISÓTOPOS DA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO (DIRECTOR: DR.ª IZOLETT AMARAL)

SUBSIDIADO PELA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Ao Professor Tomé Ribeiro

Fig. 5 – Pormenores do trabalho de Dissertação de Doutoramento do Professor Henrique Lecour com dedicatória ao Professor Tomé Ribeiro. Fonte: Lecour, H. 1983. Hepatite vírica, epidemiologia e diagnóstico. Tese de Doutoramento. Páginas 2, 4, 6. Disponível no Repositório aberto da Universidade do Porto

O Professor Lecour escolheu para tema da sua Prova Complementar o Botulismo por ser um assunto que dominava e que tinha sido já objeto de estudo e de uma publicação em artigo científico. Considerava o Professor que, por não ser uma doença rara e do passado, merecia atenção, e uma atualização de conhecimentos sobre o tema era necessária e fundamental.[21] Na posse da maior casuística mundial da doença, com 140 casos, conseguiu caracterizar de forma ampla vários surtos de botulismo. O domínio deste assunto justificou o convite que lhe foi dirigido para a publicação de um capítulo sobre Botulismo no tratado brasileiro "Diagnóstico e tratamento das doenças infeciosas e parasitárias", editado pelo Professor Jayme Neves, catedrático de Doenças Infeciosas da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, bem como a revisão numa revista internacional, publicação conjunta da Organização Mundial da Saúde e da Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO).[5]

Nas provas para obtenção do grau de Doutor, o professor Lecour foi aprovado por unanimidade, com distinção e louvor. Sobre o seu trabalho, o Professor Fernando Abreu de Carvalho Araújo, Diretor do Serviço de Doenças Infetocontagiosas do Hospital de Santa Maria, escreveu: "Tenho a convicção de que só a mais elevada classificação permitida pela Lei poderia premiar a excelência, o brilhantismo e o grande valor das provas realizadas", demonstrando, como já vinha sendo hábito, o profundo apreço e reconhecimento por parte dos seus pares.

Outro dos temas de interesse do Professor Lecour foi a Meningite. Foi pioneiro nos estudos sobre o uso da cefotaxima no tratamento das meningites bacterianas e foi com base nos seus resultados que a FAO permitiu a instituição da cefotaxima no tratamento da meningite bacteriana nos Estados Unidos. Este trabalho foi tão amplamente reconhecido que foi alvo de publicação em várias revistas internacionais, como *Journal of Antimicrobial Agents and Chemotherapy*, *Recent Advances in Chemotherapy*, *Chemoterapia* e *Infection*, tendo ainda sido citado várias vezes em revistas e livros estrangeiros.[5]

O Professor estudou detalhadamente a Leptospirose e relatou os primeiros casos portugueses de leptospirose humana causados por serotipos diferentes de *L. icterohaemorrhagiae*. Um dos seus trabalhos nesta área foi publicado na revista *Infection* e citado em *Harrison's Principles of Internal Medicine* e *Cecil's Textbook of Medicine*.[5]

A infeção VIH-SIDA foi outro dos temas, entre tantos, que o interessaram e aos quais se dedicou. Quando, em 1981, foram descritos os primeiros casos de SIDA nos Estados Unidos, longe se estava de perceber a sua verdadeira dimensão. Em 1983, foi descrito o primeiro caso em Portugal, e desde logo o vanguardista Henrique Lecour mergulhou nos meandros da assustadora e desconhecida patologia. Foi de sua autoria o primeiro estudo realizado no nosso país sobre a prevalência desta doença em toxicómanos.[22] Teve oportunidade ainda de publicar um artigo sobre o estado da arte no que ao VIH dizia respeito, 25 anos após a descoberta e publicação dos primeiros casos de SIDA; o artigo descreve, de forma brilhante, todo o caminho percorrido até então relativamente ao conhecimento da própria doença e às terapêuticas.[23] A propósito deste tema, orientou a Tese de Doutoramento do seu discípulo, o Professor Doutor António Mota Miranda, denominada "Infeção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana. Aspetos Epidemiológicos e Clínicos".[24]

Esteve ainda ligado à Associação Portuguesa de Estudos para a SIDA (APECS), associação científica fundada em 1991, que tem por objetivo nuclear contribuir para a investigação clínica e microbiológica da infeção pelo VIH. Pertenceu aos Órgãos Sociais da associação na qualidade de Presidente da Direção em dois mandatos, 1997/1998 e 1999/2000.

Pelo valor e pelo reconhecimento da investigação por si realizada, o Professor Lecour foi autorizado a apresentar o resultado dos seus trabalhos em numerosos congressos internacionais, com estatuto de bolseiro, em representação da FMUP e do Serviço de Doenças Infeciosas do Hospital de São João.[5]

No domínio internacional, estabeleceu uma vasta rede de contactos, particularmente com as Universidades de Salamanca e de Santiago de Compostela, mas também com várias Universidades da América Latina. Não parece estranho, portanto, que tenha sido responsável pelo estreitamento de relações entre os dois lados do Atlântico. Foi sócio fundador e o primeiro presidente da Sociedade Ibero-americana de Infeciologia (SIAI), eleito durante a primeira Assembleia-Geral, que decorreu em Salamanca, Espanha. Os objetivos principais desta Sociedade, fundada em maio de 2006, passavam pela promoção da infeciologia, da microbiologia clínica e da quimioterapia anti-infeciosa nos países ibéricos e latino-americanos, através da organização de congressos, reuniões científicas e cursos de pós-graduação.[25]

A área de investigação do Professor Lecour não se cinge aos temas aqui citados. No entanto, estes, pela sua originalidade e pelo impacto que tiveram na comunidade científica, mantiveram-se como referências e mereceram destaque. Mesmo após a sua aposentação, o Professor manteve a sua atividade de investigação com vários trabalhos publicados, continuando a intervir em inúmeros congressos.

Henrique Lecour – O Humanista

Saudade é a palavra que mais se ouve nas conversas sobre o Professor Lecour. Deixou Saudade o Homem, o Amigo, o Professor, o Médico. Engana-se quem pensa que têm a visão toldada pela amizade, todos os que dele falam. Pelo contrário: diz-se que o Professor era um homem duro, rígido, com o mesmo à-vontade com que se engrandece a sua ética profissional, a sua honestidade intelectual e a sua nobreza de espírito. Todos sabem que as qualidades suplantavam sobremaneira os defeitos. Frontal e sincero, mas de personalidade complexa, era impossível ser-se indiferente a Henrique Lecour. Mas não será, porventura, isto um elogio? É que pessoas indiferentes não geram anticorpos, mas também não geram amizades!

Os amigos não se poupam a desfiar as histórias que partilharam com o Professor. Algumas foram contadas pelo Professor Sarmento, seu discípulo e um dos seus sucessores. É dele a narrativa de um episódio peculiar: o Professor Lecour, minucioso com o seu material de ensino, em particular com os diapositivos escritos à mão que usava para ministrar as aulas, após um pedido insistente do Professor Sarmento, decide ceder-lhe a caixa com mais de 300 *slides* para uma aula sobre Meningites. Avisou que os mesmos deveriam regressar ordenados escrupulosamente. Por azar a caixa caiu ao chão e, sem que o Professor Sarmento tivesse tido tempo de ordenar os diapositivos, Maria da Luz, secretária estimada do Professor Lecour, entrega-lha. É fácil de adivinhar que os seus protestos foram escutados, mas prontamente o Professor Lecour esqueceu este acontecimento, conseguindo o Professor Sarmento persuadi-lo novamente, mais tarde, a ceder-lhe tão precioso material.

Pelos corredores do Serviço de Doenças Infeciosas, sabia-se que, quando o Professor Lecour estava invulgarmente calado, algo se passava. O mais certo era estar doente ou preocupado. A ordem das coisas era restituída quando o Professor voltava aos seus protestos e forma de estar habitual.

Havia, contudo, alguém que conseguia moderar a sua faceta tempestuosa: o Doutor Alberto Seara, pessoa ponderada e comedida, que conseguia ter uma influência muito grande sobre o Professor, porque lhe dizia as verdades e lhe devolvia a prudência.

Por altura das provas de Agregação do Professor, era comum vê-lo passar para uma das salas de aula, onde se entregava aos ensaios da sua apresentação. Com ele, todo o seu séquito: Maria da Luz, a fiel secretária, responsável por passar os diapositivos, o Professor Aguiar Nogueira, que cronometrava o tempo, e o Professor Sarmento, que coordenava a apresentação.

É impossível falar do Professor Lecour sem falar também da tertúlia sediada no restaurante "O Buraco", fundada por Afonso Guimarães e Júlio Machado Vaz. Inicialmente formada apenas por médicos, cedo começaram a chegar pessoas de outros quadrantes. Nomes como os dos Professores Flemming Torrinha, Daniel Moura, Lemos de Sousa, Valente Oliveira ou do Doutor Correia Pinto eram presença assídua. Amante de boa gastronomia e de boa conversa, o Professor Lecour cedo se associou. Todos os sábados, indefetivelmente, os convivas juntavam-se à mesa do restaurante, na Rua do Bolhão, sede destes encontros há mais de 50 anos. O Professor Lecour era o grande animador da tertúlia e um incansável contador de histórias. Impositivo e sempre teimoso, dizem contudo os amigos que o Professor sabia reconhecer a razão no outro. Partilhava ideias com qualquer partidário dos diferentes quadrantes políticos e religiosos, sempre com um respeito absoluto pelas ideologias de cada um.

A pontualidade nunca foi o seu forte, mas sabia-se que, nas muitas vezes que chegava atrasado, vinha de casa de algum dos seus doentes, acometidos por qualquer enfermidade que exigia a sua presença, ou do consultório onde exercia clínica privada, sito na Rua Gonçalo Cristóvão. De todos cuidava com carinho, abnegação e generosidade. E, por isso, era-lhes tão especial. Da sua experiência e do seu saber beneficiaram muitos colegas e alunos, mas sobretudo os seus doentes.

O Professor Lecour tinha ainda um interesse particular pelo conhecimento da história da especialidade que mais cultivou, a Infeciologia. Reconhecendo o valor do património médico e a importância de salvaguardar a documentação sobre este tema, doou ao Museu de História da Medicina Maximiliano Lemos da FMUP algumas monografias, assegurando assim que o legado da Infeciologia e o seu próprio se preservassem.

/ Discussão

É sempre difícil escrever sobre alguém que não se conheceu. Injusto, dir-se-ia até! Mas as conversas com os amigos do Professor e o almoço partilhado n'"O Buraco", permitiram à autora conhecer o Professor Henrique Lecour pelos olhos dos que mais o estimavam e ter uma noção da sua dimensão humana. Mesmo sem com ele ter privado, é fácil perceber como era, pela forma entusiástica como os amigos dele falam. Portanto, neste trabalho, mais do que com palavras, escreve-se com o coração.

Internista distinto e Infeciologista notável, a honestidade, lealdade, integridade e sensibilidade faziam parte do seu carácter. Apesar dos constantes avanços da Medicina que foi presenciando, com novas técnicas e meios complementares de diagnóstico, o Professor manteve sempre em mente aquilo que realmente era importante: escutar o doente, ouvir as suas histórias, estreitar laços.

Também o seu percurso nas carreiras académica e hospitalar foi meritório, ascendendo ao cume das mesmas, como Professor Catedrático de Medicina Interna e como Chefe de Clínica e Diretor do Serviço de Doenças Infeciosas, respetivamente.

O Professor Henrique Lecour, para sempre "O Professor", perdura nas memórias, nas histórias e na lembrança de todos os que tiveram a sorte de, um dia, se cruzarem com ele. Ficará para a história como um dos expoentes máximos da Clínica Médica e da Infeciologia em Portugal. A memória e o exemplo da sua frutífera vida devem perdurar. Partiu, de forma súbita, a 20 de outubro de 2019. Talvez não pudesse ser de outra forma. O Professor sabia que não ia ser um bom doente!

Há Pessoas que deveriam viver para sempre! Henrique Lecour foi uma delas. (Fig. 6)



Fig. 6 – Professor Henrique Lecour.
Fonte: Gentilmente cedida pela Sociedade Portuguesa de Doenças Infeciosas e Microbiologia Clínica

/ Bibliografia

1. Lecour H. *Curriculum vitae* de Henrique Lecour. 1989.

2. Anuário da Universidade do Porto – Ano Escolar 1948-1949. Arquivos da Reitoria da Universidade do Porto. 1948.

3. Reitores da Universidade do Porto – Amândio Joaquim Tavares [Internet]: Universidade do Porto. 2016 [consultado em 13/01/24]. Available from: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1013956.

4. *Anuário da Universidade do Porto – Ano Escolar 1954-1955*. Arquivos da Reitoria da Universidade do Porto. 1955.

5. Meliço-Silvestre A, Sarmento e Castro R. *Homenagem a Henrique Lecour – VI Congresso Nacional de Doenças Infeciosas*. 1.ª edição. 2002.

6. Regulamento dos Colégios das Especialidades – Especialistas de Medicina do Trabalho. *Revista da Ordem dos Médicos*. 1980;1:16.

7. Ribeiro T. Proposta para contratação do Professor Henrique Lecour para Professor Auxiliar Convidado, redigida pelo Professor Tomé Ribeiro. Processo Individual de Henrique Lecour. Arquivo da Reitoria da Universidade do Porto. 1981.

8. Cerqueira Magro F. Parecer sobre contratação do Professor Henrique Lecour para Professor Auxiliar Convidado, redigida pelo Professor Cerqueira Magro. Processo Individual de Henrique Lecour.

Arquivo da Reitoria da Universidade do Porto. 1981.

9. Carvalho Araújo F. Parecer sobre contratação do Professor Henrique Lecour para Professor Auxiliar Convidado, redigido pelo Professor Fernando de Carvalho Araújo. Processo Individual de Henrique Lecour. Arquivo da Reitoria da Universidade do Porto. 1981.

10. Novas Especialidades/Competências – Admissões por consenso em Medicina Interna. *Revista da Ordem dos Médicos*. 1982; 9:5.

11. Lecour H. Relatório sobre o programa, os conteúdos e os métodos do ensino teórico e prático da disciplina de Clínica das Doenças Infeciosas da Faculdade de Medicina do Porto – relatório elaborado para a prova de agregação à Faculdade de Medicina do Porto. Arquivos da Reitoria da Universidade do Porto. 1989.

12. Deliberação do júri sobre a nomeação do Professor Henrique Lecour como Professor Universitário. Processo Individual de Henrique Lecour. Arquivo da Reitoria da Universidade do Porto. 1991.

13. Ribeiro AT, Falcão de Freitas, A. Parecer sobre o relatório do Professor Henrique Lecour, com vista à nomeação definitiva como Professor Catedrático, redigido pelos Professores Tomé Ribeiro e Falcão de Freitas. Processo Individual de Henrique Lecour. Arquivo da Reitoria da Universidade do Porto. 1993.

14. Falecimento do Senhor Professor Henrique Lecour [Internet]: Universidade Católica Portuguesa. 2019 [Consultado em 22/12/23]. Available from: https://m.porto.ucp.pt/pt/central-noticias/falecimento-senhor-professor-henrique-lecour.

15. Diário da República – 2.ª série, n.º 61 – 13 de março de 2002, p. 4862. 2002.

16. Cerqueira Magro F. Parecer sobre o *Curriculum vitae* e o Relatório Pedagógico do Professor Henrique Lecour, redigido pelo Professor Cerqueira Magro, aquando das Provas de Agregação. Processo Individual de Henrique Lecour. Arquivo da Reitoria da Universidade do Porto. 1990.

17. Sobre a SPDIMC [Internet]: Sociedade Portuguesa de Doenças Infeciosas e Microbiologia Clínica; [consultado em 13/01/24]. Available from: http://spdimc.org/sobre/.

18. Pereira AA, Santos L, Soares J, Sarmento A. Actividade de uma Unidade de Cuidados Intensivos de Doenças Infecciosas (1988-1997). *Acta Médica Portuguesa*. 1999;12(12):387-91.

19. Lecour H. Hepatite vítica: epidemiologia e diagnóstico – Dissertação de candidatura ao grau de Doutor, apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. 1983.

20. Diário da República – 2.ª série, n.º 78 – 2 de abril de 1993, p. 3552. 1993.

21. Lecour H. *Botulismo – Prova complementar de candidatura ao grau de Doutor*. 1983.

22. Lecour H, Santos Ferreira M, Lourenço M, Pestana M, Seara A, Cerqueira Magro F, *et al*. Prevalence of anti-LAV/HTLV-III in Portuguese drug addicts and hemodialyzed patients. *Chemioterapia: international journal of the Mediterranean Society of Chemotherapy*. 1987;6(2 Suppl):635-6.

23. Lecour H, Sarmento e Castro R. 25 Anos de Sida: história de uma pandemia: em memória de José Luís Champalimaud. *Revista Portuguesa de Doencas Infecciosas*. 2007;3:63-70.

24. Mota Miranda A. Infeção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana. Aspetos Epidemiológicos e Clínicos. Dissertação de candidatura ao grau de Doutor apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. 1999.

25. Henrique Lecour eleito primeiro presidente da Sociedade Ibero-americana de Infeciologia [Internet]: *Jornal de Notícias*; 2007 [consultado em 26/12/23]. Available from: https://www.jn.pt/arquivo/2007/saude-henrique-lecour-eleito-primeiro-presidente-da-sociedade-iberoamericana-de-infecciologia-680917.html/amp/